

Os parâmetros de FC e FR se mantiveram dentro da normalidade, e a sudorese foi relatada pelos proprietários como reduzida (todos constataram que os animais estavam menos ofegantes, pareciam mais resistentes e suavam menos ao final do dia), indicando menor estresse e conseqüente bem-estar dos animais. Equídeos que apresentavam todas as características compatíveis com a SER, quando foram tratados com o *Rhus toxicodendron*, indicado para o tratamento da SER, na dinamização 12cH, não manifestaram qualquer alteração clínica ao serem submetidos a sete dias de esforço físico.

### Referências

- MELO, U. P. et al. Icterícia de íris após rabdomiólise por esforço em um equino. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 39, n. 7, p. 2213-2217, out. 2009.
- REED, S. M.; BAYLY, W. M. *Medicina interna equina*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. p. 346-360.
- SANTOS, A. L. et al. In vivo study of the anti-inflammatory effect of *Rhus toxicodendron*. *Homeopathy*, Amsterdam, v. 96, n. 2, p. 95-101, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2zzzLDL>>. Acesso em: 15 set. 2017.
- TYLER, M. L. *Retratos de medicamentos homeopáticos*. São Paulo: V. II. Livraria Santos, 1999. p. 267-277. (Volume 2).

## 11 USO DE MEDICAMENTOS ULTRADILUÍDOS NO TRATAMENTO DA SÍNDROME DE ANSIEDADE POR SEPARAÇÃO EM CÃES

VON ANCKEN, A. C. B.<sup>1</sup>; COELHO, C. P.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Santo Amaro (Unisa).

E-mail: acbvonancken@hotmail.com

Cães são animais de companhia ideais devido à facilidade com que estabelecem vínculos afetivos com as pessoas. Filhotes são criados com intenso vínculo afetivo ou deixados sozinhos e sem estímulos, o que pode levar ao estabelecimento de alterações de comportamento, como fobias a estímulos específicos (trovões), hipersensibilidade a ruídos (OVERALL; DUNHAM; FRANK, 2001), ansiedade generalizada, e síndrome de ansiedade por separação (STORENGEN et al., 2014). Uma das possíveis causas desta síndrome é a hipervinculação (TAKEUCHI; HOUP; SCARLETT, 2000). A homeopatia trata o indivíduo de forma global e sem efeitos colaterais ao organismo (HAHNEMANN, 2007). Este trabalho avaliou a ação dos medicamentos homeopáticos ultradiluídos no tratamento do distúrbio de comportamento da síndrome de ansiedade por separação (SAS) em cães, e na dosagem de cortisol e contagem de leucócitos desses animais. 23 cães com o distúrbio de comportamento ansiedade por separação foram diagnosticados após questionário aplicado aos tutores na clínica veterinária Similia Vet. Para participar do estudo, o critério de inclusão foi ter score 3, no mínimo (total de 4), em ao menos uma das três questões primordiais que caracterizam a síndrome, como destruição de objetos, vocalização excessiva ou eliminação de urina e fezes em locais inadequados, quando deixados sozinhos em casa (SHERMAN; MILLS, 2008). Somaram-se a esses pontos, outros relacionados a sintomas menos específicos, como inquietude à partida do proprietário e autotraumatismo, que deveriam atingir um score mínimo de 18 pontos. Os pacientes foram repertoriados (sintomas clínicos) segundo a homeopatia clássica, e foram tratados com medicação ultradiluída (*verum*) ou placebo. Foram realizadas coletas de sangue dos animais para avaliação de

cortisol basal e leucograma. A evolução comportamental foi avaliada mediante retornos à clínica, para preenchimento de score de resultados pelo tutor. No primeiro retorno (30 dias), os cães podiam ser submetidos a alterações em seus medicamentos e potências, indo de 30cH para uma dose única na potência 200cH, dependendo do resultado do questionário, porém permanecendo sempre em seus respectivos grupos (*verum* ou placebo). No retorno final (60 dias), foi realizada nova coleta de sangue para comparação de parâmetros. O estudo foi conduzido em randomização duplo-cego, cabendo ao farmacêutico responsável a dispensação aleatória de medicamento *verum* ou placebo, dividindo os cães em dois grupos. O teste exato de Fisher foi usado para avaliar a diferença entre os grupos. Dos 23 participantes, 16 cães (69,56%) foram tratados com medicação *verum* e 7 (30,43%), com placebo. Nas análises dos questionários aplicados aos tutores, no grupo *verum*, 11 (68,75%) classificaram o tratamento homeopático prescrito como eficiente, sendo *Phosphorus* (25%), *Arsenicum album* (18,75%), *Lycopodium clavatum* (6,25%), *Calcarea carbônica* (6,25%), *Natrum muriaticum* (6,25%), e *Nux-vomica* (6,25%), as medicações que cobriram a totalidade sintomática dos pacientes. No grupo placebo, apenas dois animais (28,57%) avaliados indicaram o tratamento como eficiente. Dentre os 16 cães participantes que receberam a medicação *verum*, 11 (68,75%) apresentaram as concentrações de cortisol basal diminuídas, e em 9 (56,25%), houve queda na contagem absoluta de leucócitos totais, quando comparados os leucogramas dos dias 0 e 60 da pesquisa. Há diversas formas para avaliar uma doença e a ocorrência de alterações comportamentais, porém há poucos estudos que abordem os sentimentos dos animais. A ansiedade requer capacidades cognitivas especializadas que permitam ao indivíduo reagir a elas. Não existe uma relação pré-definida entre os níveis de cortisol e os comportamentos patentes de estresse crônico (BELZUNG; PHILIPPOT, 2007), tampouco, entre a concentração deste hormônio e as células brancas sanguíneas, mas o estabelecimento de tais relações poderia colaborar muito com o diagnóstico dessa síndrome. A habilidade do cão em prever e controlar uma ameaça de perigo determina a resposta neuroendócrina e a intensidade da emoção experimentada (APPLEBY; PLUIJMAKERS, 2003). A variação de cortisol reflete uma flexibilidade adaptativa do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal em resposta às variações do meio, e pode significar alta capacidade social de um indivíduo (SCHÖBERL et al., 2017). Nenhuma droga é eficaz de forma similar em todos os pacientes (SHERMAN, 2008). Os registros observados neste trabalho constataram resultados satisfatórios apenas no grupo submetido ao tratamento homeopático (teste de Fisher,  $p < 0,05$ ). Contudo, não foram empregadas técnicas de avaliação comportamental. Há ampla evidência científica de que o fator genético e o meio interagem de forma complexa no desenvolvimento da ansiedade patológica (OHL; ARNDT; VAN DER STAAY, 2007). A ocorrência da SAS pode estar subestimada e a presença de câmeras nos lares seria o ideal para esta verificação, já que os questionários baseados na percepção do tutor podem não traduzir a real proporção de cães com SAS (KONOK; DÓKA; MIKLÓSI, 2011). Os resultados obtidos neste trabalho indicam que a análise da percepção dos proprietários, efetuada com o emprego de questionários, permitiu a observação de que a administração da medicação homeopática melhorou a qualidade de vida dos cães com a SAS e alterou os seus respectivos níveis de cortisol basal e leucograma.

### Referências

- APPLEBY, D.; PLUIJMAKERS, J. Separation anxiety in dogs: the function of homeostasis in its development and treatment. *Veterinary*

**Clinics of North America: small animal practice**, Philadelphia, v. 33, n. 2, p. 321-344, 2003.

BELZUNG, C.; PHILIPPOT, P. Anxiety from a phylogenetic perspective: is there a qualitative difference between human and animal anxiety? **Neural Plasticity**, New York, v. 2007, p. 1-17, 2007.

HAHNEMANN, S. **Organon da arte de curar**. 3. ed. São Paulo: Benoit Mure, 2007.

KONOK, V.; DÓKA, A.; MIKLÓSI, A. The behaviour of the domestic dog (*Canis familiaris*) during separation from and reunion with the owner: a questionnaire and an experimental study. **Applied Animal Behaviour Science**, Amsterdam, v. 135, n. 4, p. 300-308, 2011.

OHL, F.; ARNDT, S. S.; VAN DER STAAY, F. J. Pathological anxiety in animals. **The Veterinary Journal**, London, v. 175, n. 1, p. 18-26, 2007.

OVERALL, K. L.; DUNHAM, A. E.; FRANK, D. Frequency of nonspecific clinical signs in dogs with separation anxiety, thunderstorm phobia, and noise phobia, alone or in combination. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, Schaumburg, v. 219, n. 4, p. 467-473, 2001.

PALESTRINI, C. et al. Video analysis of dogs with separation-related behaviors. **Applied Animal Behaviour Science**, Amsterdam, v. 124, p. 61-67, 2010.

SCHÖBERL, I. et al. Psychobiological factors affecting cortisol variability in human-dog dyads. **PLoS ONE**, San Francisco, v. 12, n. 2, 2017.

SHERMAN, B. L. Separation anxiety in dogs. **Compendium: continuing education for veterinarians**, Yardley, v. 30, n. 1, p. 27-32, p. 1-18, 2008.

SHERMAN, B. L.; MILLS, D. S. Canine anxieties and phobias: an update on separation anxiety and noise aversions. **Veterinary Clinics Small Animal Practice**, Philadelphia, v. 38, n. 5, p. 1081-1106, 2008.

STORENGEN, L. M. et al. A descriptive study of 215 dogs diagnosed with separation anxiety. **Applied Animal Behaviour Science**, Amsterdam, v. 159, p. 82-89, 2014.

TAKEUCHI, Y.; HOUP, K. A.; SCARLETT, J. M. Evaluation of treatments for separation anxiety in dogs. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, Schaumburg, v. 217, n. 3, p. 342-345, 2000.

## 12 UTILIZAÇÃO DO SULPHUR NO TRATAMENTO DE LESÕES CUTÂNEAS

BUSSACARINI, D. A.; CRUZ, P.; SAVI, P. A. P.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro de Especialização em Homeopatia de Londrina (CEHL).

E-mail: p\_andressa@hotmail.com

Segundo Lathoud (2002), “Nenhum medicamento tem sobre a pele uma ação tão geral, positiva e persistente como *Sulphur*”. A matéria médica clássica relata que esse medicamento busca na superfície corpórea as inflamações e as toxinas, as traz de volta quando há supressão dos sintomas, e age nas regiões de menor resistência, onde há descamação e lesões queratinizadas, com intenso prurido (CHARETTE, 1998). Caracterizado pelas supurações, age nas inflamações exercendo grande efeito de absorção. O paciente tende a permanecer sentado, jamais está tranquilo quando em pé, fatiga-se facilmente e caminha até encontrar um local para repousar. Mesmo se limpando, aparenta estar sujo por conta do odor que libera, e apresenta secreções, hálito e fezes malcheirosos (LATHOUD, 2002). O indivíduo é irritável e incomoda-se com ruídos, tem sobressaltos durante a noite, é magro e possui aparência envelhecida. Há agravação

noturna, ou às onze horas da manhã, pelo calor, pelo repouso, estando em pé e por banhos (VIJNOVSKY, 2012). Atendeu-se, em agosto de 2016, um cão fêmea, com dez anos de idade, sem raça definida, com queixa de lesões oculares e em membros. A tutora relatou que o animal era muito dócil, mas após mudança de ambiente, de casa para apartamento, seu comportamento mudou. Necessitava o tempo todo de companhia e, apesar de dormir bastante, apresentava sono inquieto. Já havia sido tratada com cetoconazol e miconazol, que melhoraram parcialmente o quadro, mas não curaram o animal. A paciente tem infecção de ouvido recorrente e a tutora relatou que o veterinário que examinou o animal anteriormente descartou a presença de ácaros ou de outros ectoparasitas, bem como de leishmaniose. A paciente tinha medo de tomar banho no *pet shop*, tendo ocorrido, inclusive, um episódio de fuga. O animal automutilava as patas e esfregava os olhos no chão, e quando ficava sozinha por muito tempo, isolava-se em cantos da casa (Figura 1). Após anamnese, os seguintes sintomas foram utilizados para repertorização: pele, escoriações; pele, dura, com espessamento; pele, prurido; olhos, prurido; mental, ansiedade em casa; mental, deseja companhia; sono, prolongado; alimentícios, pão, aversão (RIBEIRO FILHO, 2014). Dentre as matérias médicas mais pontuadas (*Lycopodium*, *Sulphur*, *Calcarea carbônica* e *Rhus toxicodendrom*), foi escolhido o *Sulphur*, pela lei do semelhante, em que os sintomas observados na experimentação no ser humano são similares aos apresentados pelo paciente. O *Sulphur* foi prescrito em potência 6cH, dosagem de 5 gotas, uma vez ao dia. No primeiro retorno, a tutora relatou que o animal usou colar elizabetano, pois estava mordendo muito as patas, mas que havia observado leve melhora dos olhos, que estavam com pouca secreção purulenta. O prurido diminuiu bastante e houve melhora no cheiro exalado pelo animal. Manteve-se a prescrição e aumentou-se a potência para 9cH. No segundo retorno, dois meses depois, a tutora relatou que o animal ficou sozinho por alguns dias e o quadro se agravou. As lesões e a secreção ocular aumentaram, tornando necessário o uso do colar elizabetano. Embora o animal continuasse dormindo muito, seu sono era mais tranquilo, e estava com mais energia, mais vitalizada, assim, manteve-se a prescrição. Após três meses (Figura 2), relatou-se melhora progressiva, com diminuição do prurido nas feridas, início de crescimento de pelos nas regiões onde havia lesões, restando feridas apenas nos membros posteriores, com pouco prurido. Segundo avaliação subjetiva da tutora, houve melhora de 80% no quadro geral, mas havia piora quando o animal ficava isolado. Nessa etapa, foi prescrito *Sulphur* 15cH. Em maio de 2017 (Figura 3), nove meses após o início do tratamento, a tutora narrou que a paciente estava muito bem, já não havia caspa nem odor ruim na pele, apenas uma pequena lesão em membro posterior (um terço do tamanho inicial), que não a incomodava, o sono estava mais tranquilo, e ela apresentava mais disposição e tranquilidade ao tomar banho no *pet shop*. No entanto, o quadro ainda se agravava quando ficava isolada e a prescrição de *Sulphur* 17cH, 5 gotas, uma vez ao dia, foi mantida. Escolheu-se o *Sulphur* por sua similitude com o caso, devido às lesões espessas e pruriginosas nos olhos e nas patas, acompanhadas de secreção ocular e otites recorrentes, que são características marcantes na ação desse medicamento. Houve melhora no bem-estar geral, o sono tornou-se mais tranquilo, o animal apresentou-se mais ativo, com mais vitalidade, e mais